

A ATIVIDADE DOCENTE COMO TRABALHO E OS MULTILETRAMENTOS DIGITAIS NO HORIZONTE SOCIAL DO ENSINO¹

Maria Lúcia SERAFIM

Manassés Morais XAVIER

Universidade Federal de Campina Grande

Resumo: No presente texto, realizamos uma análise sobre a questão da atividade docente como trabalho e nela situamos a presença dos multiletramentos digitais como importantes instrumentos no horizonte social do ensino. Apresentamos dados oriundos de pesquisa que são vozes docentes do contexto universitário de uma instituição pública estadual, que nos dizem desta relação trabalho docente e multiletramentos digitais, quando tiveram que atuar no ensino remoto emergencial², devido à pandemia por COVID-19. Consideramos de essencial relevância que a atividade docente e a função dos letramentos e dos multiletramentos digitais sejam compreendidas na complexidade e nas diversas modificações que vêm ocorrendo na sociedade contemporânea em todas as áreas do conhecimento, incluindo a da educação, na qual concebemos que todo professor é um agente de letramento e, como tal, agente de ensino que necessita atuar num ambiente que priorize a pessoa do professor e seu processo social de aprendizagem.

Palavras-Chave: Atividade docente como trabalho. Ensino. Multiletramentos.

TEACHING ACTIVITY AS WORK AND DIGITAL MULTILETRATIONS IN THE SOCIAL HORIZON OF EDUCATION

Abstract: In this text, we carry out an analysis on the issue of teaching activity as work and in it we place the presence of digital multiliteracies as important instruments in the social horizon of teaching. We present data from research that are teaching voices from the university context of

¹ Texto foi produzido contendo dados oriundos de pesquisa de tese em andamento, cujas vozes são de docentes do ensino superior do Curso de Letras que atuaram no ensino remoto nos anos de 2020 e 2021. A geração de dados ocorreu entre os meses de fevereiro e abril de 2022, após a pesquisa ser aprovada pela Plataforma Brasil - Comitê de Ética/UFCG, por codificação Número de Certificado de Apresentação de Certificação Ética (CAAE) - 52595421.0.0000.5182 - e com Parecer de Número 5.155.958, de 09 de dezembro de 2021.

² Utilizamos a expressão ensino remoto legalizada pelo Ministério da Educação e Conselho Nacional de Educação e acrescenta-se o termo emergencial, por se entender uma circunstância inscrita na realidade de pandemia, como forma experiencial avistada para se transitar com o trabalho de ensino neste contexto complexo. Para tal, tomamos como referência de Hodges, Trust, Moore, Bond e Lockee (2020). A adesão e as possibilidades de oferta de atividades no ensino remoto foram ampliadas após a Portaria Nº 544, de 16 de junho de 2020 (BRASIL, 2020).

a state public institution, which tell us about this relationship between teaching work and digital multiliteracies, when they had to work in emergency remote teaching, due to the COVID-19 pandemic. We consider it of essential relevance that the teaching activity and the role of digital literacies and multiliteracies are understood in the complexity and in the various changes that have been taking place in contemporary society in all areas of knowledge, including education, in which we conceive that every teacher is a literacy agent and, as such, a teaching agent who needs to act in an environment that prioritizes the teacher and his/her social learning process.

Keywords: Teaching activity as work. Teaching. Multiliteracies.

LA ACTIVIDAD DOCENTE COMO TRABAJO Y MULTILETRACIONES DIGITALES EN EL HORIZONTE SOCIAL DE LA EDUCACIÓN

Resumen: En este texto realizamos un análisis sobre el tema de la actividad docente como trabajo y en él ubicamos la presencia de las multialfabetizaciones digitales como instrumentos importantes en el horizonte social de la docencia. Presentamos datos de investigaciones que son voces docentes del contexto universitario de una institución pública estatal, que nos hablan de esta relación entre el trabajo docente y las multialfabetizaciones digitales, cuando tuvieron que trabajar en la docencia remota de emergencia, por la pandemia del COVID-19. Consideramos de fundamental relevancia que se comprenda la actividad docente y el papel de las alfabetizaciones y multialfabetizaciones digitales en la complejidad y en los diversos cambios que se han venido produciendo en la sociedad contemporánea en todas las áreas del conocimiento, incluida la educación, en la que concebimos que todo docente es un agente alfabetizador y, como tal, un agente docente que necesita actuar en un entorno que prioriza al docente y su proceso social de aprendizaje.

Palabras clave: Actividad docente como trabajo. Enseñando. Multialfabetizaciones.

1. INTRODUÇÃO

Entendemos que o processo educativo, em todas as suas esferas, tem se configurando em situações de revisão e recriação para poder cumprir com a exigência de sua função social nas variadas modalidades e níveis de ensino. Podemos dizer que é exatamente o que vimos nos anos de 2020 e 2021 em que, devido à pandemia por COVID-19, os docentes precisaram revisar compreensões didático-metodológicas para poderem realizar sua atividade de trabalho na modalidade de ensino remoto emergencial, consequência instituída para a lógica de se atender a demanda educacional nesta travessia tão cruel. Em outras palavras, enfatizamos que a oferta de uma educação que dê primazia à formação integral de sujeitos orientados por valores plurais deve ser a referência, seja em qualquer circunstância.

Destarte, seguimos na esteira da afirmação de que neste tempo hodierno é de fundamental importância considerar a atividade docente como trabalho, haja vista ser este um dos principais agentes da educação, na realização de uma atividade que sofre desafios continuamente, sendo preciso se pensar o professor frente aos desafios da profissão e de todo este processo digital pelo qual é atravessado na atualidade.

Diante do exposto, temos como objetivo realizar algumas tessituras analíticas sobre a atividade docente como trabalho de ensino e dos letramentos e multiletramentos enquanto instrumentos de mediação importantes à compreensão desse processo a partir das vozes dos docentes universitários que ofertaram seus depoimentos à pesquisa.

Nossa justificativa por estes estudos e pesquisadores está associada aos aspectos teóricos da tese de doutorado em andamento que trata e dialoga sobre as questões que envolvem “o ensino remoto emergencial³ e o trabalho docente no contexto acadêmico”, à luz de prescrições e o real da atividade frente às práticas de letramentos e multiletramentos sociais num cenário contemporâneo que precisou articular movimentos de aprendizado voltados imperativamente ao digital ao vivenciar uma pandemia por COVID-19, desde o ano de 2020, que interferiu nos modos de ensinar e de aprender.

A sociedade brasileira se expressa em movimento de digitalização e, neste aspecto, podemos considerar que todo professor é um agente de letramento, admitindo-se que os docentes já compreendem e ponderam que o texto impresso, a oralidade, a literatura, os aspectos linguísticos já vêm dividindo espaço com os diversos aplicativos e recursos da informática, no cenário das multimídias compostos por animações, sons, vídeos e ambientes virtuais da *cibercultura*⁴.

³ Consideramos a expressão ensino remoto legalizada pelo Ministério da Educação e Conselho Nacional de Educação (Portaria nº 343, de 17 de março de 2020. Disponível em: <<https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-343-de-17-de-marco-de-2020-248564376>>. Acesso em: 10 de junho 2021. e acrescentamos o termo emergencial por se entender uma situação inscrita na realidade do tempo pandêmico, como forma experiencial encontrada para se transitar com as incertezas do agir nesta complexidade.

⁴ O neologismo que especifica o conjunto de práticas, atitudes, técnicas, modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço, ou seja, a comunicação que surge da interconexão da rede mundial dos computadores e *internet*. (LÉVY, 1999, p. 17).

Sabemos que pesquisas vêm sendo desenvolvidas nas últimas cinco décadas sobre a docência e desde os anos 1990 se prefiguram estudos voltados à atividade de ensino como trabalho, como também referências aos letramentos e multiletramentos nesse contexto, inclusive pela presença das tecnologias digitais da informação e da comunicação como caminhos à cena didática nas tarefas de ensino do professor.

Nesse percurso, as diversas áreas de conhecimentos vêm propondo análises, enfrentamentos e diálogos diante às tensões próprias de cada época, como é o caso da Sociologia, Educação, Filosofia da Educação, Psicologia, da Linguística Aplicada, da Clínica da Atividade e a Ergonomia. Estas áreas vêm se dedicando a compreender o ensino como trabalho na relação entre o sujeito de um lado, bem como o trabalho e a esfera social de outro. E esta visão redimensiona e amplia a compreensão da atividade docente como trabalho.

Para a composição desse recorte do estudo, tomamos apoio nos aportes teóricos de Tardif (2002), Tardif e Lessard (2009); Charlot (2013), Rios (2011); Medrado (2011), Moita Lopes (1994); Clot (2007, 2010); Amigues (2004) Street (2014), Rojo (2012), Freire (2015), Bakhtin (BAKHTIN, 2017 [1920-24]), dentre outras colaborações.

Apresentamos a produção organizada em três seções: na primeira, estão reflexões inerentes à compreensão da atividade docente como trabalho; na segunda tratamos sobre alguns fundamentos historicamente construídos acerca de letramentos e multiletramentos, evidenciando que os multiletramentos irrompem como uma ferramenta social importante para a condução da apropriação do conhecimento no horizonte da atividade de ensino; e, na terceira, estão as enunciações dos docentes, vozes do ensino superior que ofertaram suas respostas ao estudo quando tiveram que atuar no ensino remoto com exigências de práticas multiletradas. Por fim, as considerações finais e referências.

2. POR UMA COMPREENSÃO DA ATIVIDADE DOCENTE COMO TRABALHO

A complexidade do mundo contemporâneo convoca a todos a buscarmos outras compreensões sobre a educação, com ênfase da atividade docente como trabalho e dos modos de como os processos de formação ocorrem permeados por conflitos envoltos nas relações sociais, econômicas, culturais e políticas. Diante disso, nos apropriamos da visão de Charlot

(2013) ao afirmar que o professor “[...] na sociedade contemporânea, ele é, antes de tudo, um trabalhador da contradição”.

Concordamos com Charlot (2013), pois, de fato, o trabalho docente é uma atividade cujo exercício se dá sob diferentes enfrentamentos, a saber: na constituição dos espaços, no compromisso com sua formação que influenciam as reflexões e problematizações que podem auxiliar no entendimento do professor como agente do processo na esfera do ensino como trabalho.

Outrossim, sabemos que o desenvolvimento profissional e a formação entrelaçam-se num intrincado processo no qual o docente vai, arduamente, se construindo (TARDIF, 2002). A dimensão analisada por Tardif sinaliza uma dinâmica no professor desta construção, que inclui o que é do campo individual e permanente no tocante aos estudos, questionamentos e relativas à busca de soluções naquilo que é exigido na atividade docente.

Como também, é preciso buscar na filosofia “[...] uma busca amorosa, de um saber inteiro, um esforço para ver com clareza, profundidade e abrangência a realidade, assumindo diante dela uma realidade crítica” (RIOS, 2011, p. 3), o que implica em implementar “busca do sentido, de significação da realidade” (RIOS, 2011, p. 3). Olhar para esta realidade como contexto e conteúdo significa buscar compreender que a educação é um processo de permanente edificação e aprendizagem da humanidade, de socialização da cultura, criação e recriação de valores e conhecimentos.

Apenas um investimento assim irá desembocar na prática de um docente crítico e conectado com meios, ferramentas e possibilidades didáticas do multimidiático, conforme concebe Freire (2009), para quem esse profissional é:

[...] um investigador e crítico, para que possa desse modo tomar distância das práticas transmissivo-repetitivas e da transposição de materiais presenciais para o meio digital, passando a empregar as tecnologias de informação e comunicação (TIC) em práticas inovadoras, planejadas para as especificidades na ambientação inédita na qual passa a atuar. (FREIRE, 2009, p. 76).

Agregando as reflexões até aqui tecidas, sinalizamos ser preciso investir em um processo de formação e trabalho em que o professor como agente do processo participe de redes de

aprendizagem dialógicas, com continuidade e apropriações, pois temos visto o quanto a atividade docente como trabalho sofre alterações que pedem e até exigem, outras práticas, inclusive, pela presença do digital. Enfrentamento iminente como foi o de continuar ensinando frente a uma pandemia por COVID-19, que apresentou o ensino remoto emergencial para atender a demanda de todos os níveis e modalidades de ensino, não sendo diferente para o contexto do ensino superior.

É o que vemos presente em preocupações apontadas por Rios (2011) quanto à profissão docente, quando se move uma discussão em torno de que profissional é este. Chamando a atenção para a identidade como “[...] algo construído nos limites da existência social dos indivíduos”. (RIOS, 2011, p. 6). Indivíduos esses que possuam acesso às discussões do contexto social, à literatura do conhecimento científico, aos conhecimentos digitais, pois é por interposto do trabalho que as pessoas fazem suas intervenções no mundo, numa relação dialógica de transformação transformando a si mesmas e em convivência com os outros - um processo de interação dialógica.

Recentemente, inserido nessa conjunção de diálogo com as demais áreas de conhecimento, o trabalho docente tem adquirido cada vez mais espaço com a recepção da Linguística Aplicada. Dentre as diversas ciências com as quais ela tem dialogado, estão, em destaque nos últimos anos, as ciências do trabalho, em especial a Clínica da Atividade, fundada por Yves Clot (2007), e a Ergonomia, com a produção de alguns grupos de estudo, como os estudos em Amigues (2004).

Nesse contexto de intersecção, chamamos o realce de que, para a Clínica da Atividade, olhar para o trabalhador é enxergá-lo como um agente, um ator e não como um mero executor de prescrições (CLOT, 2007). E com a Ergonomia, voltada à produção de Amigues (2004), ao se tomar o trabalho docente como unidade de análise, é preciso argumentar sobre o papel das prescrições na constituição do trabalho do professor.

Estes diálogos têm oportunizado aos estudos da linguagem um novo objeto de investigação, com ênfase, às relações dialógicas instauradas entre o dizer do trabalhador e a sua atividade. O trabalho do professor passou a ser depreendido como uma atividade sócio-historicamente situada. (MESSIAS; DOLZ, 2015).

O que também na concepção ampla tratada por Clot (2010), vamos encontrar o endosso da referência aplicada por Messias e Dolz (2015) no sentido de ser preciso proceder um inventário das questões não resolvidas no campo da atividade de ensino para os quais cabe dirigir esforços, no entendimento de que as intenções e os desejos dos sujeitos, assim como os impedimentos para a realização de sua atividade, também fazem parte do processo de seu trabalho e atuação.

É justamente pela necessidade de se operar com teorizações e categorias em um mundo cambiante, território de instabilidade, que o interesse da Linguística Aplicada, em diálogo com as teorias educacionais, com a Clínica da Atividade e a Ergonomia, vem sendo lugar de referência da dinamicidade social. Tanto para nos trazer o lugar da crise, como o lugar do que deu certo nas travessias em que o trabalhador docente atua nas esferas entre o trabalho prescrito e o real do trabalho, em meio a narrativas de continuidade e transformação, em que é considerável que suas vozes, sejam ouvidas como dizeres em ação no mundo.

É por isso que podemos dizer que a atividade realizada não tem o monopólio do real da atividade, o real da atividade é muito mais vasto que a atividade realizada. [...] a atividade realizada é a atividade que venceu entre muitas outras atividades possíveis, a atividade que venceu é uma das possibilidades. (CLOT, 2010, p. 226).

Seguindo numa linha de interlocução entre os pressupostos dos estudiosos, reputamos a enfatizar que ensinar é interferir no percurso educacional e que do mesmo modo, trata-se de uma atividade de apropriar-se de instrumentos e ferramentas que medeiam a atividade e a ação docente.

É, portanto, na tensão entre o prescrito e o realizado que o profissional vai mobilizar e/ou construir meios que lhe permitem a realização de sua atividade, proporcionando, assim, o seu desenvolvimento profissional e pessoal. Nesta imersão do trabalho na Linguística Aplicada se enxergam as trocas que ocorrem em subculturas específicas, entre coletivos, entre os professores e seus pares.

Em uma Linguística Aplicada que quer falar à vida contemporânea é essencial, não a teorização elegantemente abstrata que ignora a prática, mas uma teorização em que teoria e prática sejam conjuntamente consideradas em uma formulação do conhecimento na qual a teorização pode ser muito mais um trabalho de bricolagem, tendo em vista a

multiplicidade dos contextos sociais e daqueles que os vivem (MOITA LOPES, 2006. p. 101).

O trabalho docente é complexo e envolve o entorno da atividade educacional, residindo, neste contexto, a importância do dizer do trabalhador docente sobre o seu próprio trabalho. Desse modo, a compreensão da atividade docente como trabalho de ensino deve convergir para a dialogicidade num contexto social plural, em que o trabalho, a atividade do professor, reflete sobre os papéis que desempenham, analisando o trabalho prescrito, o trabalho real e os desafios emergentes como constitutivos do inegável reconhecimento da existência da função de professores e de sua necessária (re)formação.

Fazemos aqui um destaque significativo que compreendemos como uma ponte de diálogo entre os enunciados aqui já refletidos *quanto à atividade de ensino como trabalho e os letramentos e multiletramentos enquanto ferramentas mediadoras no processo de ensino* (grifo nosso) que são aquilo a que Medrado (2011) trata como aspectos das dimensões do agir sendo estes: motivacional, intencional e a dos recursos e ferramentas ou instrumentos:

Na dimensão motivacional, há os fatores externos (de origem social e coletiva) e os motivos (razões interiorizadas que levam um indivíduo ou uma categoria de indivíduos, como os professores, a realizarem uma determinada tarefa). Na dimensão intencional, as finalidades estão no plano do coletivo, como '[...] representações de um indivíduo ou de vários sobre o(s) efeito(s) que espera(m) alcançar sobre os objetivos ou sobre os indivíduos por meio de uma agir coletivo' (MACHADO, *et. al.*, 2009, p. 23).

Já na dimensão dos instrumentos ou recursos para o agir docente, estes são os materialmente disponíveis no ambiente social. Desde o giz, a lousa, as tecnologias digitais, até aos recursos mentais e comportamentais que são atribuídos a uma pessoa. Diante destas dimensões que são responsáveis por pensarmos o professor como agente do processo, frisamos, de acordo com Medrado (2011), que ensinar é agir (TARDIF; LESSARD, 2009). E este agir é ato, que em Bakhtin (2017) se trata do confronto da própria existência do sujeito irrepitível nas atribuições do seu agir, da sua atuação responsável mediante as interpretações que realiza do mundo social do qual faz parte.

Orientados pela colaboração das concepções aqui dialogicamente tratadas, dos sentidos apropriados na construção das compreensões acerca da atividade docente como trabalho e das transformações históricas, e sociais dos letramentos e multiletramentos, havemos que

considerar toda a expressividade dos estudos, das lutas e conquistas, mesmo se dando em territórios de contradição.

A atividade docente se configura em práxis educativa e, como tal, é sistemática, intencional e científica, mas é necessário ser também uma práxis reflexiva que se transforma em trabalho docente, no sentido de que como prática social, a atividade docente é a expressão do saber pedagógico. E, por assim ser, constitui-se e reconstrói-se na vida social como atividade professoral, como trabalho de ensino entre o prescrito e o realizado. Em síntese, o trabalho docente comporta travessias de adaptação e de recriação à situação real de trabalho.

3. MULTILETRAMENTOS NO HORIZONTE SOCIAL DA ATIVIDADE DE ENSINO

Iniciamos esta seção com breves registros sobre a Pedagogia dos Multiletramentos: movimento que surgiu a partir das ideias de um grupo de estudiosos da área de educação que se intitula *The New London Group*, no ano de 1996. Nos meados da década de 1990, estes pesquisadores discutiam suas preocupações acerca do rumo que os meios de comunicação estavam tomando e, juntamente a isso, as questões relativas ao ensino de línguas e às práticas de letramentos que, à época, pareciam e, ainda hoje, estão a se renovar e se modificar a todo momento.

No artigo intitulado “*A Pedagogy of Multiliteracies: Designing social futures*”, publicado pelo periódico *Harvard Educational Review* (1996), este grupo afirma que o mundo atual abriu espaço ao surgimento de múltiplos modos e espaços de comunicação e de interação ao fazerem referência às novas Tecnologias da Informação e da Comunicação que punham em evidência variadas formas de diversidade cultural e linguística, antes apagadas/silenciadas pelas abordagens tradicionais de letramento.

Esse documento tornou-se um manifesto que convidou a todos a contemplarem outras e novas condições de propostas curriculares no âmbito da aprendizagem voltadas às transformações sociais e tecnológicas.

Assim, os múltiplos letramentos são entendidos como usos e práticas sociais da linguagem, ou seja, práticas que, de uma forma ou de outra, envolvem o uso produtivo das linguagens e seus processos de apropriação. Sob este olhar, Buzato (2009) define os múltiplos

letramentos como apropriação participativa, engajamento de pessoas em atividades em que a tecnologia é relevante, adaptando e significando seu significado por meio da interação social. E com Street (2014), temos a assertiva do qual é importante compreender que as práticas de letramentos estão intrinsecamente relacionadas com as estruturas culturais e de poder da sociedade onde estas se inserem. O estudioso destaca que o termo “ideológico” é utilizado no sentido de reconhecer que os letramentos estão relacionados aos aspectos das estruturas de poder da sociedade. Portanto, as práticas de letramentos situam-se sempre em lugares de tensões entre poder/autoridade e resistência/criatividade.

Estes autores realizam estudos essenciais à compreensão de uma prática e trabalho de ensino com letramentos, onde se trate de linguagem social como lugar de interação de sujeitos plurais, um lugar discursivo, ideologicamente situado, perpassado por modelos de redes, ambientes digitais e práticas de ensino e aprendizagem com inclusão de recursos tecnológicos. O que, de sobremaneira, precisa ser tratado no contexto sistemático da formação e atuação dos docentes e, no caso deste estudo, com professores do Ensino Superior.

Para estes precursores do grupo de Nova Londres, Cope e Kalantzis (2000 [1996]), dentre outros, o termo multiletramentos atribui duas mudanças que são essenciais e correlacionadas: uma, quanto ao crescimento da importância dada à diversidade cultural, isto é, em um mundo globalizado, faz-se preciso negociar com as diferenças todos os dias; e outra no que se refere à influência da linguagem das tecnologias, visto que o significado emerge de modos variados (multimodais), seja a escrita, imagem, movimento, áudio, etc.

Diante o contexto tratado, consideramos a argumentação de Rojo (2012), em favor dos multiletramentos, no sentido de que, primeiramente, focaliza a origem histórica desse conceito, ao dizer que ele procura cobrir dois “multi”: a multiculturalidade referente à variedade cultural das populações presente em nossas sociedades, principalmente urbanas, na contemporaneidade; e a multimodalidade no que se refere à variedade semiótica de constituição dos textos por meio dos quais a multiculturalidade se comunica e informa.

Nesse contexto, vemos evidenciada a presença do que Cope e Kalantzis (2000a, 2000b) afirmam sobre a Pedagogia dos Multiletramentos, cujo objetivo é a propagação de modos de ensinar e de aprender que sejam mais condizentes às demandas de como se apresenta o novo mundo do trabalho, da cidadania e, conseqüentemente, da vida. O que se viu fortemente

acentuado, quando foi preciso enfrentar a crise ocasionada pela pandemia por COVID-19, trazendo o Ensino remoto de modo imperativo à vida de professores e alunos.

O mundo contemporâneo convive com a implementação de novos paradigmas, metodologias e interfaces com a presença em nossos dias, da *internet*, dos dispositivos eletrônicos móveis que vêm possibilitando diversas interações sociais por meio de distintas e novas práticas de letramentos. Sendo de extrema relevância ao contexto do Ensino Superior e à formação do docente

É preciso tratar da formação de quem forma nestes novos contextos: “[...] é nesta tensão entre o prescrito e o realizado que o sujeito vai mobilizar e construir recursos que contribuirão para o seu desenvolvimento profissional e pessoal” (AMIGUES, 2004, p. 40).

Quanto às tecnologias digitais, estas devem ser entendidas como veículos de linguagens que podem proporcionar processos de ensino e aprendizagem interativos, interdependentes e plurais, de forma integrada com a realidade dos sujeitos envolvidos, sobretudo, quando há a implicação de repensar-se e repensar o mundo, segundo Melo e Rojo (2014):

Essa presença ubíqua das tecnologias digitais de informação e comunicação – TDICs – coloca-nos diante do mundo e das diversas culturas e acontecimentos em apenas um clique ou um toque e em tempo real. Tudo isso tem revolucionado não só o acesso a informações, como também alterado nossa forma de pensar, ver o mundo, ler, escrever e nos relacionar (MELO; ROJO, 2014, p.250).

Consideramos importante o chamado a se examinar o aspecto cultural dos letramentos, no sentido de sua ação mediadora em contextos plurais. Na afirmação de trabalho na esfera social, portanto, professores como agentes de letramento, nos processos de seu agir, recriar e resistir, bem como no entendimento que estas compreensões avançam e buscam sua sustentação numa sociedade contemporânea, que, para ver o letramento como prática social, precisa ser crítica e para esta interpretação crítica “[...] professores têm a obrigação social de fazê-lo” (STREET, 2014, p. 155), que ainda elucida:

Isso só é possível com a premissa de que professores habilitados podem facilitar perspectivas críticas em linguagem apropriada e formas comunicativas com a mesma rapidez com que tradicionalistas conseguem

ensinar gêneros, níveis, conteúdos e habilidades dentro de um conceito conservador de letramento (STREET, 2014, p. 155).

Nas referências aqui apresentadas, vemos o quanto as tecnologias digitais e os dispositivos eletrônicos intensificaram novas possibilidades de textos/discursos que imprimem e ampliam a multissemiose ou multimodalidade; e isso prefigura em nova mentalidade, ou novo *ethos*⁵ que dá impressão ao trabalho docente e a história do desenvolvimento das suas atividades neste tempo que se está a vivenciar, uma gama de novos letramentos. É o *ciberespaço* que, segundo Castells (1999), é um sistema de comunicação integrado que se baseia na linguagem digital, permitindo a distribuição de sons, palavras e imagens em escala global, fazendo circular bens culturais por seus arranjos que alcancem os indivíduos.

Desse modo, afirmamos a compreensão de que as tecnologias são instrumentos que podem mobilizar ou transformar a realidade humana e a não-humana e que podem dar sentido a alguma coisa, como também tangibilizar ideias, expressas em um conceito ou mediações presentes no movimento transformador dos letramentos e multiletramentos nas dimensões motivacional, intencional e das ferramentas para o agir do docente em sua atividade de Ensino.

O docente tem sempre muito o que aprender, inclusive, sobre sua atividade de ensino como profissão e como distribui e dá significado ao conhecimento. Mas o lugar e a presença do professor como agente do processo continuam imprescindíveis.

4. ATIVIDADE DE ENSINO E MULTILETRAMENTOS DIGITAIS: O QUE DIZEM AS DOCENTES COLABORADORAS DA PESQUISA?

Nessa produção, servimo-nos de um recorte do estudo representado por três (03) vozes de docentes universitários de uma instituição pública estadual que atuaram no ensino remoto emergencial nos anos de 2020 e 2021.

As respostas foram obtidas por meio de um questionário estruturado, enviado por meio eletrônico. Os docentes receberam nomes de personagens de obras literárias, tendo em vista, a preservação de suas identidades.

⁵ Uma nova mentalidade definida diante da emergência da WEB 2.0. “Por isso, os novos letramentos são mais participativos, colaborativos, distribuídos; ou seja, menos individualizados, autorados, dependem menos de licença de publicação”. (ROJO, 2019, p. 26).

Apresentamos, a seguir, as questões que orientaram os docentes em busca de se apreender sobre a relação da atividade docente e os multiletramentos digitais, quando do trabalho docente no ensino remoto emergencial. Nesse sentido, quando perguntados sobre:

01: “Como se sentiu tendo que executar o ensino remoto emergencial frente às exigências dos multiletramentos com a presença expressa do digital?”, enunciaram:

- ✓ “Muito insegura no início, principalmente no primeiro semestre que executei esse ensino. Depois, aos poucos, fui vencendo as barreiras, aprendendo a usar o essencial para conseguir dar as aulas” (Professora Julieta, 2022).
- ✓ “No início me atrapalhei. Mas hoje já estou bem adaptada” (Professora Capitu, 2022).
- ✓ “A priori, em 2020 e até meados de 2021, me senti bem. Estava motivada e confiante de que os alunos estavam aprendendo. A partir de meados de 2021, me senti cansada (mentalmente e fisicamente) e um tanto descrente quanto ao nível de aprendizagem dos alunos” (Professora Alice, 2022).

Embora saibamos que as evoluções da *Web 2.0* já vinham convocando às instituições e aos docentes a premência de novas formações: devido a toda gama de tecnologias versáteis que deste cenário decorrem; e, por estes ambientes virtuais se configurarem em um contexto plural, que atrai para si diversas facetas da atividade humana e, com elas, seus gêneros discursivos e multimodais, percebemos pelas respostas reveladas que o contexto sociotécnico tornou-se uma obrigatoriedade com a qual as professoras precisaram lidar para responder a demanda de ensino remoto com uso de tecnologias e práticas multiletradas digitais, o que acabou por gerar insegurança, adaptação e recriação.

Como dito por Amigues (2004), é preciso ir além da distinção entre tarefa e atividade, trabalho prescrito e real. Considerando que as prescrições são entendidas como os construtos sociais que dizem de maneira mais ou menos clara a tarefa que o trabalhador deve realizar. Isto retrata que as docentes realizaram, mesmo diante das tensões da pandemia e das exigências para ensinar seus componentes científicos no remoto o que lhes foi possível de assimilar enquanto a atividade de ensino ocorria e as movimentos de aprendizado também, o que, do ponto de vista de Bakhtin (2015), podemos dizer que são vozes da instância criadora, como constructo social “insegurança, vencer barreiras” (Julieta 2022); “me atrapalhei, bem adaptada” (Capitu, 2022) e “motivada e confiante e descrente” (Alice, 2022).

02: Na condição de docente formador que teve que agir na prática, como descreve e analisa as suas aprendizagens com multiletramentos digitais no ensino remoto emergencial? Buscamos com esta indagação investigar a relação do professor agente de ensino com os multiletramentos enquanto instrumentos na ação social da atividade docente. Elas enunciaram que:

- ✓ “Aprendi a manusear os multiletramentos digitais essenciais para agir no ensino remoto. Minha aprendizagem foi difícil no início porque não tinha conhecimento prévio das tecnologias. Tinha sempre interesse em participar de capacitações digitais para ampliar o meu conhecimento” (Julieta, 2022).
- ✓ “Minha aprendizagem tem sido lenta. Com a ajuda dos colegas e minha perseverança em querer melhorar, consegui manusear plataformas e outros recursos. Hoje, me sinto bem adaptada” (Capitu 2022).
- ✓ “Me interesse por TICs há bastante tempo, por isso, para mim, aprender novas ferramentas digitais para o desenvolvimento do meu trabalho foi muito enriquecedor, principalmente em 2020 e 2021, visto que ao ministrar as disciplinas de estágio e de prática, eu necessitei me atualizar para apresentar as possibilidades de ação docente para os professores em formação inicial. No presente momento, estou desestimulada a aprender novas formas de ensino através do ensino remoto, visto o cansaço físico e mental” (Alice, 2022).

A professora Julieta aponta para o eixo da aprendizagem, formação e (re)formação docente ao expressar-se como agente no processo em meio a tensão da exigência do trabalho docente com tecnologias

Já a professora Capitu afirma a importância da condição individual e da condição coletiva. Com sua enunciação valora o seu processo de aprendizagem como docente e direciona a necessidade de se aprender no coletivo. Percebemos a presença viva da necessidade da formação tecnológica, da compreensão dos novos modos de aprender para poder atuar, naquilo que Paulo Freire (1996 [2015], p. 25-26) defende que “ensinar inexiste sem aprender e vice-versa [...]”.

No que concerne à professora Alice, com sua voz avaliativa, chama a atenção para a atividade docente configurada em práxis educativa e, como tal, é sistemática, portanto, exigindo do docente atualização. Dessa forma, ao se deparar com a necessidade de ensinar a partir dos recursos disponibilizados pelo cenário do ensino remoto emergencial, Alice destaca que precisou

atualizar-se para acompanhar as contingências do momento pandêmico em que as tecnologias impulsionaram novas possibilidades de ensinar e de aprender via práticas multiletradas.

Orientados pela colaboração das concepções aqui dialogicamente tratadas, dos sentidos apropriados na construção das compreensões acerca da atividade docente como trabalho e das transformações históricas e sociais dos letramentos e multiletramentos, havemos que considerar toda a expressividade dos estudos, das lutas e conquistas, mesmo se dando em territórios de contradição.

As vozes docentes são reflexos da experiência humana que está ininterruptamente mediada pelo agir situado e avaliativo do sujeito. É o que Bakhtin (2017 [1920-24]) trata como ato responsável e responsivo que confere sentido à experiência dos sujeitos, a partir do mundo enquanto materialidade concreta.

As tecnologias digitais e os multiletramentos decorrentes de toda a esfera tecnológica desde a passagem do século XX até os dias atuais proporcionam, desafiam e exigem, como no caso da crise vivenciada pela pandemia por COVID-19, que se aprenda a lidar, a incluir e criar a atividade docente, em mais e outros espaços plurais, entre redes sociais, plataformas e aplicativos diversos, com o diferencial de outras dinâmicas quanto ao físico-temporal para se ensinar e se aprender. E neste sentido, que quanto mais olharmos para a atividade de ensino como trabalho em um mundo cambiante, em muito, poderemos dialogar com os novos modos de ensinar e aprender, colocando o trabalhador de ensino como agente ativo do processo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Presenciamos na contemporaneidade o exercício dialógico das áreas de conhecimento para lidarem com a necessária compreensão da atividade docente como trabalho e as exigências imbricadas nos letramentos e multiletramentos digitais, que envolve uma formação tecnológica contextualizada em processos contínuos, numa sociedade que se prospecta digitalmente. E isso demanda pensar e realizar um trabalho de formação mais efetivo junto aos docentes do nosso imenso Brasil, no tocante ao movimento didático e discursivo de ensinar e produzir aprendizagens numa sociedade imersa em tecnologias contemporâneas de mediação e com novos letramentos dela decorrentes, mas que salvaguardam a evidência do professor como

agente do processo no contexto das teorias da educação e suas interconexões com as várias áreas de produção de conhecimento, por:

- valorizar os docentes como agentes do processo e buscar contribuir com estes no espaço e tempo contemporâneo no que concerne ao trabalho de ensino;
- mobilizar as áreas de conhecimento na compreensão do trabalho na abrangência da pluralidade social, das diversas prescrições, encampando a necessária urgência de se ampliar a discussão crítica sobre o agir docente; e
- buscar soluções para os problemas que envolvem a sociedade hodierna na construção histórica e cultural dos letramentos e multiletramentos como práticas sociais críticas, tendo o docente como agente em um contexto plural e tenso.

Evidenciamos que o saber fazer do profissional docente volta-se ao pensamento e à produção de conhecimento, pois se trata de uma atividade intelectual e de mediação para com o outro. Há exigências de que essa resposta produtiva e mais que tudo reflexiva seja contínua, no contexto de um trabalho realizado com base na mediação e na materialidade no qual o saber torna-se cada dia mais valorizado. O que de sobremaneira realça a necessidade de pensar e repensar nos conflitos inerentes à atividade laboral do docente, sobretudo em cenário de crises, como foi o da pandemia por COVID-19, quando estes trabalhadores que atuavam no modelo presencial, tiveram que imperativamente diante da urgência, ofertar ensino remoto num contexto de demanda social que solicitou novos movimentos pedagógicos ao seu modo de ensinar e de aprender.

Desse modo, depreendemos como fruto do estudo realizado quão importante é notabilizar as relações dialógicas que abrangem os trabalhadores, as diversas prescrições e a história do seu trabalho; e que o docente como outros trabalhadores coexistem e atuam nesta configuração social tensa e criativa. Possamos, então, vislumbrar que a sociedade contemporânea seja capaz de seguir aprendendo e se transformando. Inclusive, pela valorização efetiva do trabalhador docente.

REFERÊNCIAS

AMIGUES, René. Trabalho do professor e trabalho de ensino. In: MACHADO, Anna Rachel (Org.). **O ensino como trabalho**: uma abordagem discursiva. Londrina: Eduel, 2004, p. 35-53.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Para uma filosofia do ato responsável**. Trad. de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. 3.ed. São Carlos: Pedro & João Editores, 2017, [1920-24].

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Estética da criação verbal**. São Paulo: WMF Martins Fontes, ed. 6ª, 2015 [1919-1974-1979].

BUZATO, Marcelo El Khouri. **Letramentos digitais, apropriação tecnológica e inovação**. In.: Anais III Encontro Nacional sobre hipertexto. Belo Horizonte, 2009.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999. v.1.

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber as práticas educativas**. 1. ed. - São Paulo: Cortez, 2013.

COPE, Bill.; KALANTZIS, Mary. Designs for social futures. In: (Eds.). **Multiliteracies: literacy learning and the design of social futures**. London: Routledge, 2000, Cap. 10.

CLOT, Yves. **A função psicológica do trabalho**. Tradução de Adail Sobral. 2. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

CLOT, Yves. **Trabalho e poder de agir**. Belo Horizonte: Fabrefactum, 2010.

FREIRE, Maximina Maria.; LEFFA, Vilson, J. A auto-heteroecoformação tecnológica. In: **Linguística aplicada na modernidade recente: Festschrift para Antoneita Celani/organização Luís Paulo da Moite Lopes**. -1. Ed. – São Paulo: Parábola Editorial, 2013. P. 59-77

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática pedagógica**. 52. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

HODGES, Charles; TRUST, Torrey; MOORE, Stephanie; BOND, Aaron; LOCKEE, Barb. Diferenças entre o aprendizado online e o ensino remoto de emergência. In: **Revista da Escola, Professor, Educação e Tecnologia**, escribo.com/revista v. 2, 2020

KATO, M. **No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística**. São Paulo: Ática, 1986.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

MELO, Rosineide de; ROJO, Roxane. A arquitetônica bakhtiniana e os multiletramentos. In: NASCIMENTO, Elvira Lopes; ROJO, Roxane Helena Rodrigues (Orgs.). **Genêros de texto/discurso e os desafios da contemporaneidade**. Campinas, SP : Pontes Editores, 2014.

MOITA LOPES, Luís Paulo. Pesquisa interpretativista em lingüística aplicada: a linguagem como condição e solução. In: **DELTA**, São Paulo, v. 10, n. 2, p. 329-383, 1994.

MOITA LOPES, Luís Paulo. **Linguística aplicada e vida contemporânea**. Por uma linguística aplicada indisciplinar. São Paulo: Parábola Editora, 2006, p. 85-107.

MESSIAS, C.; DOLZ, J. As noções de gestos e de agir didático para a formação de professores de línguas: interfaces do trabalho docente. In: *Cadernos CENPC*, v. 5, n. 1, p. 44- 47, 2015.

MEDRADO, Betânia Passos. **Leituras do agir Docente**: a atividade educacional à luz da perspectiva interacionista sócio-discursiva. Campinas, SP: Pontes editores, 2017.

RIOS, Terezinha Azerêdo. Professores: atores e autores nos dizeres da escola – a contribuição filosófica. In: **Perspectivas da Filosofia da educação**. SEVERINO, Joaquim antonip, et al. São Paulo, Cortez, 2011.

ROJO, Roxane Helena. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

ROJO, Roxane Helena Rodrigues; MOURA, Eduardo (Orgs.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola, 2012.

ROJO, Roxane Helena. **Letramentos, mídias, linguagem**. 1.ed. – São Paulo: Parábola, 2019.

ROJO, Roxane Helena. **Escola conectada**: os multiletramentos e as TICs. São Paulo: Parábola, 2013.

THE NEW LONDON GROUP. A Pedagogy of Multiliteracies: designing social futures. In: **Harvard Educational Review**, v. 66, n. 1, 1996, p. 60-92.

STREET, Brian Vicent. **Letramentos Sociais**: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação. São Paulo: Parábola Editorial, 2018.] CHARLOT, Bernard. **DA RELAÇÃO COM O SABER**. Tradução de Bruno Magne. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

TARDIF, Maurice e LESSARD, Claude. **O trabalho docente**: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas. Petrópolis: Vozes, 2009.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002

Maria Lúcia SERAFIM

Mestrado em Ciências da Sociedade da Sociedade pela Universidade Estadual da Paraíba (2002). Especialização em Psicologia Educacional pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Maceió (1992), Especialização em Novas Tecnologias na Educação (2009), e em Tecnologias na Educação pela Pontifícia Universidade Católica - Rio de Janeiro (2011). É Professora efetiva da Universidade Estadual da Paraíba, Departamento de Educação, Centro de Educação - CEDUC, Líder do Grupo de Pesquisa Tecnologias, Educação, Mídias e Artes - GPTEMA. Tem experiência na área de Educação, nos seguintes temas: didática, educação e tecnologias digitais, TIC e processos educativos, EaD, formação de professores e letramento digital docente. Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino, PPGLE/UFCG.

Manassés Moraes XAVIER

Doutor em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba. Mestre em Linguagem e Ensino pela Universidade Federal de Campina Grande. Bacharel em Comunicação Social - Jornalismo e Licenciado em Letras - Língua Portuguesa pela Universidade Estadual da Paraíba. Estágio Pós-Doutoral em Linguística na Universidade Federal da Paraíba. Professor Adjunto II de Língua Portuguesa e Linguística na Unidade Acadêmica de Letras, Centro de Humanidades, da Universidade Federal de Campina Grande (UAL/CH/UFCG). Professor Permanente no Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino da Universidade Federal de Campina Grande (PPGLE/UFCG). Desenvolve pesquisas com referências teórico-metodológicas estudos da Teoria Dialógica da Linguagem, da Linguística Aplicada, da Educomunicação e das Teorias da Comunicação e do Jornalismo.

Recebido em 08/fevereiro/2023.- Aceito em 19/abril/2023.